

[Home](#) \ [Notícias](#) \ [Perfil](#) \ As *inter-faces* de Martin Grossmann, o novo diretor do IEA

As *inter-faces* de Martin Grossmann, o novo diretor do IEA

20/abril/2012 | Publicado em: Perfil, USP Online Destaque

O recém-nomeado diretor do Instituto de Estudos Avançados da USP fala sobre sua carreira no meio artístico, envolvimento com a plataforma virtual e planos e projetos inovadores no campo da cultura e do conhecimento.

Curtir

Martin Grossmann, professor da Escola de Comunicação e Artes (ECA), é o novo diretor do Instituto de Estudos Avançados (IEA) da USP, empossado em março. Com uma carreira voltada para as artes, em particular para a ação e a mediação cultural, Grossmann é idealizador de diversos projetos



dentro e fora da Universidade. Pós-modernista, usa e abusa da internet em prol do acesso, da divulgação e da troca de conhecimento. Espera-se que a nova liderança acentue no Instituto este perfil agregador, que lá já é presente, estimulando os debates interdisciplinares e a construção interativa do conhecimento.

USP Online: O que espera da sua gestão no IEA, tendo em vista sua carreira voltada para as artes?

Martin Grossmann: O grande privilégio de estar no IEA é que ele foi criado para ser interdisciplinar. Não ter graduação, pós nem áreas específicas do conhecimento. A especialidade passa um pouquinho longe, ela é importante desde que contribua para uma conformação interdisciplinar.

O desafio aqui, agora, é fazer ações e mediações científicas e culturais. Ou, mais interessante, do conhecimento. Sou o primeiro do mundo das artes [*na direção*], e entendo que existe uma equivalência entre artes e ciência na ampliação do conhecimento, que juntas têm mudado mentalidades e quebrado paradigmas. E o IEA lida com conhecimento de ponta, por isso prefiro

falar em conhecimento do que em ciência. É a universidade que traz esse encontro dos diferentes conhecimentos, e que o IEA seja essa plataforma para discutir o que é e o que será o mais avançado.

Sua linha de pesquisa/trabalho é bem voltada para divulgação cultural, promover o acesso à cultura e à informação. Como é isso?

Sou muito voltado à ideia do espaço comum, da esfera pública. É uma discussão muito importante para mim, ainda mais em uma universidade pública. O que é o comum para todos? Minha área de pesquisa é a ação cultural, que vem da preocupação do que é comum, ou seja, pertencente à todos.

Fale mais sobre a importância da ação cultural.

O que é interessante nela é lidar com a experiência, ou seja, boa parte das teorias vêm da prática. Filosoficamente, o marco é a Revolução Francesa, que trouxe a ideia de que o conhecimento e os bens culturais pertencem à comunidade. Agora, quem faz parte dessa comunidade? E como se dá a relação do saber, do conhecimento e da propriedade – intelectual ou patrimonial – com a maioria? O que mais importa é entender o sistema de produção [artística], sua genealogia, as condições socioeconômicas e culturais, de modo interdisciplinar.

De que maneira sua trajetória se insere em tudo isso? Como começou?

Minha formação é em artes visuais, de vanguarda: pensar a arte como um espaço libertário e de ampliação do conhecimento, um campo político, muito próximo à própria missão da ciência. A primeira experiência profissional foi de monitor da Bienal de São Paulo, em 1983. Foi legal porque eu era jovem, ainda cursando a faculdade, e tive contato com diferentes públicos, tendo que adequar meu discurso a eles.

Na licenciatura fiz parte de um grupo que elaborou como TCC um projeto educativo para o MAC. Um ano e meio depois fui convidado por Aracy Amaral para implementar o projeto no Museu. O mestrado, aqui na ECA, foi um relato crítico da experiência do MAC. Fui então fazer doutorado na Inglaterra, pensar o museu em um parâmetro mais complexo e filosófico. Fazendo uma mediação entre questão social, arquitetônica, e a produção da arte. Questionar a função do museu na contemporaneidade, na passagem da cultura material para a virtualidade.

E o Fórum Permanente*?

Veio do interesse em desenvolver interfaces, no doutorado. Surgiu em 2003, sempre com uma relação internacional e interdisciplinar muito forte. Pensando a crise dos museus no Brasil, e o fato de eles estarem em crise permanente, queríamos criar uma plataforma de debate, de crítica, de ação e principalmente mediação cultural acessível a todos pela internet.

Ele é ao mesmo tempo um museu na virtualidade, um arquivo de referência, uma ágora. Pós-modernista também, o intuito é trabalhar em rede. Mais do que centralidade, ser uma plataforma de referência. Só a internet não é suficiente – o sucesso se dá no trabalho em parceria com organismos culturais nacionais e estrangeiros mais o uso de equipamentos culturais.

**Fórum Permanente: Museus de Arte; entre o público e o privado*

O senhor foi idealizador do USP Online!

Quando começamos o USP Online, em 1995, ele não pertencia à nenhuma coordenação da USP, a nossa ideia naquele momento era que fosse uma coisa independente. Era uma liberdade

Sobre o IEA

O IEA tem por objetivo fomentar a discussão do conhecimento e sua função social na forma mais abrangente e diversificada. Realiza estudos sobre instituições e políticas públicas, desenvolvimento científico, tecnológico e cultural e tem participação importante no intercâmbio da USP com instituições internacionais.

Entre as personalidades que contribuíram com o Instituto, fazendo parte dos grupos de pesquisa, cátedras, projetos e como pesquisadores ou conferencistas convidados, estão: Noam Chomsky, Jürgen Habermas, Aziz Ab'Sáber, Antonio Candido, Fernando Henrique Cardoso, Milton Santos, Paulo Autran, Jacques Derrida, Edgar Morin, Peter Burke, Adib Jatene, Alain Touraine, Olgária Matos, Celso Amorin, Paulo Artaxo, Luiz Gylvan Meira Filho e Marcelo Gleiser.

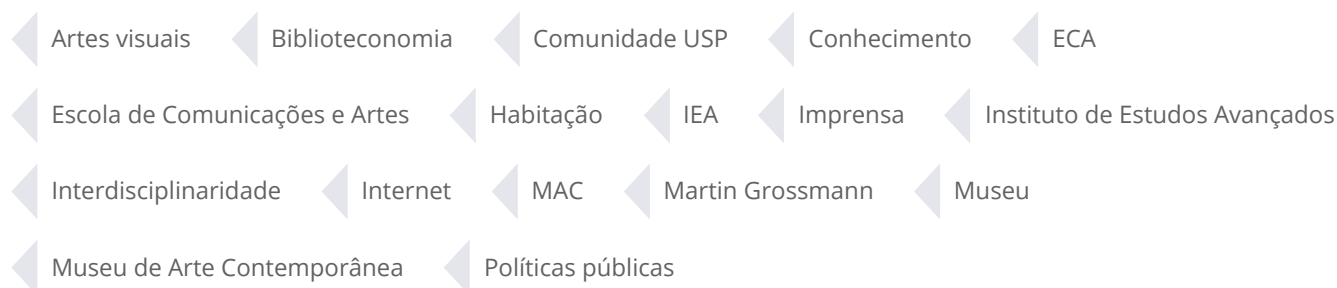
interessante, essa nova linguagem, no sentido da plataforma e de dispositivo. A internet é uma nova estrutura, uma nova forma de produção e divulgação de informação.

O legal era que a gente considerava o USP Online como um laboratório, experimental. Ninguém entendia direito como funcionava essa coisa da internet, pouquíssima gente tinha acesso. A premissa era a de que não se podia copiar nada da rede e que a metáfora do portal da USP fosse espacial, e não bidimensional.

Ele foi feito com a ideia de ser um site representativo da USP ou foi um projeto diferente?

Foi feito com a ideia de ser inovador, representativo do conhecimento e da diversidade da USP. Aquela frase gravada na Praça do Relógio – “No universo da cultura o centro está em toda parte” – influenciava muito.

Era uma interface que buscava ser o encontro das culturas acadêmicas. Pensar que tipo de representação essa universidade tão peculiar, única no Brasil que abarca todo o conhecimento, tem quatro museus de grande porte, e inclusive um IEA, teria na virtualidade. Enfim, que fosse interdisciplinar, que trouxesse essas diversas áreas do conhecimento para o mesmo espaço-tempo, um lugar de encontro.



ANTERIOR

Parceria entre Poli e Boeing traz simulador de caça americano à USP

PRÓXIMO

Pesquisa da ECA aborda trajes cênicos como documentos históricos

 Ensino

- Graduação
- Pós-graduação
- Cursos on-line

 Pesquisa

- Pesquisadores
- Produção intelectual
- Inovação tecnológica
- Bibliotecas

 Cultura e Extensão

- Artes e esportes
- Hospitais
- Centros e museus
- Cursos e atividades de extensão

 Comunicação

- Sala de imprensa
- Jornal da USP
- Rádio USP
- Canal USP
- Acontece na USP
- Revista USP
- IPTV USP
- USP Imagens
- Fale com a USP



Fale com a USP



Expediente



Direitos autorais

 Ensino

Graduação

Pós-graduação

Cursos on-line

 Pesquisa

Pesquisa na USP

Inovação tecnológica

Bibliotecas

Produção intelectual

 Extensão

Hospitais

Artes e esportes

Centros e museus

Atividades de extensão

 Comunicação

Sala de imprensa

Jornal da USP

Rádio USP

Canal USP

Revista USP

IPTV USP

USP Imagens

Fale com a USP

R. da Reitoria, 374 – Cidade Universitária, Butantã, São Paulo – SP, 05508-220